

## **Alegrete na Longa Duração: Um recorte na história pampeana.**

Por Anderson Romário Pereira Corrêa

Objetiva-se neste artigo, analisar a História de Alegrete na perspectiva da longa duração, identificando as experiências culturais mais duradouras, suas continuidades e rupturas. O que parece natural é cultural, assim como, o que parece antigo pode ser atual ou moderno. Explora-se a bibliografia arqueológica e histórica para quantificar e apresentar os resultados em quadros e gráficos que possibilitam uma melhor leitura e interpretação das informações. Partindo de uma perspectiva antropológica e cultural, a História é a ciência que estuda a ação cultural dos homens e mulheres através dos tempos. É interessante observar que a ação e intervenção de seres humanos, no território do atual Alegrete, não é algo novo, mas milenar. Fernand Brudel (1992:13s) classificou o tempo histórico em estrutural, conjuntural e factual, assim correspondendo a longa, média e curta duração. Arno A. Kern (1991:08), explica que “A Tradição indica a persistência através do tempo de uma certa localização geográfica de elementos culturais produzidos por grupos étnicos (...)”. Entende-se cultura como tudo aquilo que os homens e mulheres criam para produzir sua existência, desde objetos materiais, até mesmo, significações simbólicas e subjetivas.

As classificações culturais impostas abaixo, não significam a predominância exclusiva de um único modelo, mas a coexistência em determinados momentos. A cultura pampeana relacionou-se a partir de 2.000 anos atrás com a cultura guarani. A partir do século XVII, a cultura pampeana e guarani relacionou-se com a cultura ibérica através da Companhia de Jesus (Missioneiros). Pampeanos e guaranis missioneiros relacionaram-se com o despotismo esclarecido e liberal castelhano e lusitano.

<b>Cultura</b>	<b>Período</b>
Pampeanos	12.770 A.P a 10.700
Guaranis	2.000 A.P
Missioneiros (guaranis, pampeanos e ibéricos)	400 anos A.P a 200 anos A.P
Capitalismo (liberalismo)	200 anos A.P

Arno (Idem, p.95) escreve que no Vale do Rio Ibicui (Região entre os rios Ibicui, Uruguai, Quarai, Touro-passo, entre outros) existem uma série de vestígios arqueológicos datados de aproximadamente 12.770 anos Antes do Presente (A.P). De acordo com algumas informações arqueológicas, existem vestígios localizados no atual território de Uruguaiana e Itaqui, que comprovam a presença humana a aproximadamente 10.800 anos atrás.

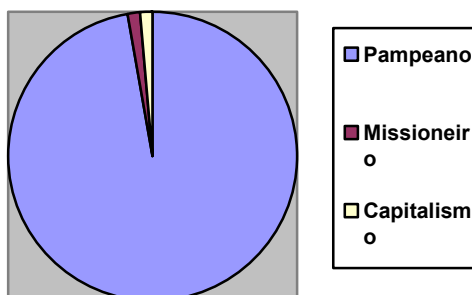
Segundo Ítala Irene Becker, para estudar os indícios e vestígios dos primeiros homens e mulheres do Pampa, ao qual está inserido o Alegrete de hoje, antropólogos e arqueólogos os agrupam por características culturais: hábitos, instrumentos e técnicas. Assim foram distinguidas as Tradições Umbú, Umaitá e Vieira. Os nomes não indicam tribos, mas culturas. Pertencentes a Tradição Umbu, desenvolviam pouca divisão do trabalho e baixo desenvolvimento técnico, com uma economia de depredação. Os homens caçavam e as mulheres colhiam frutos e moluscos à beira dos rios. Seus utensílios eram facas, pontas de flechas e de lanças, moedores feitos de pedra. Dominavam a técnica do lascamento de pedras batendo uma na outra, fazendo retoques por pressão ou polimento. Usavam ferramentas simples: Seixos bastões de madeira, ou chifres de veado, pedras redondas com sulcos, encontradas nos sítios, indica que eles já usavam a boleadeira. Eram sociedade sem classes sociais, onde não havia propriedade privada dos meios de produção (exploração econômica do homem sobre o homem), assim como não existia Estado (organização burocrática centralizada – domínio).

Há dois mil anos desmoronou sobre os primitivos a grande avalanche Guarani. Os Guaranis não conheciam o metal, mas eram bons ceramistas. Com eles chegou a agricultura – o milho, o fumo, o feijão e a erva-mate e o chimarrão. Em contato com os Guaranis e de certa forma submetidos culturalmente a eles, a primitiva Tradição Umbú, transforma-se em Tradição Vieira. São os ceramistas dos Pampas, que os europeus ou crioulos mais tarde, vão encontrar aqui, na região de Alegrete, com a denominação de Charruas/ Minuanos.

Edson Paniagua (2003: 30-31) destaca em sua dissertação que, no território onde hoje é Alegrete, existiam diversas estâncias missioneiras e, a principal e maior delas era Yapeyú. O Pueblo de Yapeyu foi fundado em 1627 e mesmo após a expulsão dos jesuítas (1768) ainda subsistiu até o início do século XIX. Por volta do século XVII, porém com maior incidência na metade do século XVIII (1627), Jesuítas espanhóis, guaranis e pampeanos administravam as campanhas do atual Alegrete, organizando suas estâncias, durante aproximadamente dois séculos.

Possuíam uma economia moral e comunitária, voltada em primeiro lugar para a satisfação das necessidades do povo, e, em segundo (o excedente), para o “mercado”.

A partir de 1801, com a conquista das Missões pelos Lusitanos, e na seqüência do século XIX, a conquista e posse definitiva do território para a coroa Portuguesa e Império do Brasil, implementou-se na região o “domínio” pelo Estado Imperial e a exploração econômica. A política econômica liberal lusitana foi implementada através do latifúndio, trabalho escravo, monocultura e produção econômica voltada para o “mercado” externo. Fazem aproximadamente 200 anos que introduziu-se a propriedade privada das estâncias, que no período missioneiro eram coletivas, e que por mais de dez mil anos não existiram. Depois de 1800, além dos ibéricos, vieram outros povos latinos, anglos-saxões, africanos e asiáticos com suas diversas manifestações culturais.



O espaço de tempo compreendido entre as primeiras evidências da presença humana na região (13.770 A.P), até o predomínio missioneiro (2.000 A.P) corresponde a 97,09% do tempo total. O período em que os Missioneiros (Jesuítas, guaranis e pampeanos) mantiveram o domínio sobre o espaço geográfico da pampa do atual território de Alegrete, corresponde a 1,45 % do total de tempo em que a região é habitada. A Conquista portuguesa corresponde a 1,45 % do tempo de ocupação política, cultural e exploração econômica.

Ficou evidente que mais de 97% da História deste lugar, que atualmente denominamos Alegrete, é de uma cultura onde a sociedade não possuía pobres nem ricos (sem-classes), não existia Estado. As primeiras estâncias eram coletivas (voltadas para a satisfação das necessidades dos trabalhadores do campo, e toda a peonada era dona das estâncias não existindo patrões e proprietários). O “gaúcho” constrói-se no pampa através do encontro multicultural entre as varias culturas que aqui se encontram a partir do século XVII. Alegrete possui suas raízes antropológicas nos povos pampeanos e guaranis, em suas experiências políticas e econômicas, porém, como projeto modernizante e contemporâneo, é resultado da política de expansão lusitana e inglesa na região do Prata. É desta pequena parcela, que corresponde a 1,45 % de nossa história local, que podemos falar, por exemplo, em gaúcho, bombacha, etc. Quer dizer, aquilo que parece estar entre nós “desde nossas origens”, na verdade é uma novidade que foi trazida de fora a pouco tempo, se comparado a nossa história milenar. Faz parte da História Moderna e Contemporânea. Mas não existe problema em saber que grande parte das técnicas, utensílios, hábitos e costumes marcaram encontros no pampa. Assim como os guaranis vieram da Amazônia, o Cavalo (inglês, árabe, ibérico) o gado (Holandês) a ovelha (Australiana), o chapéu preto de abas largas (espanhol, maragato, uruguaio), a boina francesa, a gaita e a vanera, tem origem no exterior; quem sabe se um dia o automóvel, a motocicleta, o pen-drive, o punk, o rap podem parecer ou constituir uma “tradição”. A grande questão é saber, nesta “longa duração” da história local, o que permanece e o que transformou-se. Será que a pouca inclinação em produzir hortaliças, legumes e verduras nas zonas rurais e cidade do município de Alegrete tem algo a ver com os 97% de história, e faz parte da herança cultural dos povos caçadores coletores pampeanos, ou é uma questão de orientação política-econômica?

#### Bibliografia:

BECKER, Ítala Irene B. *As Populações Indígenas do Rio Grande do Sul vistas pela Arqueologia, Pré-histórica e Étno-histórica*. Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, nº1, v.2, p467 – 478, 1995-96.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª edição; Ed. Perspectiva; São Paulo;1992.

História Ilustrada do Rio Grande do Sul, 1998.

KERN, Arno Alvarez. (org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991.

PANIAGUA, Edson Romário Monteiro. *Fronteiras, violência e criminalidade na região platina: o caso do município de Alegrete*, São Leopoldo; Dissertação de Mestrado; UNISINOS; 2003.